

A CANÇÃO DE AMOR DE J. ALFRED PRUFROCK DE THOMAS STEARNS ELIOT

Introdução, tradução e notas por
Alex Severino

Thomas Stearns Eliot nasceu a 26 de setembro de 1888 em St. Louis, no estado de Missouri. Coursou a Universidade de Harvard e, enquanto estudante, editou o periódico *The Harvard Advocate*, onde publicou suas primeiras poesias. Após sua formatura, de 1909 a 1910, fez curso de pós-graduação em Filosofia sob a orientação dos professores Irving Babbitt e George Santayana. No ano seguinte, partia rumo a Paris, a fim de estudar Filosofia e Literatura Francesa na Sorbonne. Foi discípulo de Henri Bergson que naquele tempo lecionava nessa universidade. Voltou novamente a Harvard com o intuito de especializar-se em Sânscrito, Filosofia e matérias relacionadas. Foi assistente de Filosofia, mas logo se ausentou de novo, indo desta vez para Oxford, onde pretendia estudar Filosofia Grega e preparar sua tese de doutoramento que se intitulava: **A Experiência e os Objetivos do Saber na Filosofia de F. H. Bradley**. Porém não voltou a Harvard para defendê-la. Decidiu residir na Inglaterra; trabalhou por algum tempo (de 1918 a 1924) no Banco Loyds de Londres e editou a revista *Criterion*, um periódico literário de grande renome.

T. S. Eliot é, desde 1925, um dos dirigentes da editôra Faber and Faber de Londres. Em 1927 naturalizou-se inglês e, no mesmo ano, converteu-se ao Anglicanismo. Sua obra e seu talento artístico foram devidamente reconhecidos, quando em 1948 recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

A produção literária de T. S. Eliot, tem sido relativamente escassa, mas sua influência no mundo literário tem sido marcante. Como poeta publicou **Prufrock and Other Obser**

ventions (1917); **Poems** (1919); **The Waste Land** (1922); **Ash Wednesday** (1930); **Four Quartets** (1943). Thomas Stearns Eliot é também importante dramaturgo. Suas peças teatrais em verso são as seguintes: **Murder in the Cathedral** (1935); **The Cocktail Party** (1950); **The Confidential Clerk** (1953); **The Elder Statesman** (1958). Seus trabalhos em prosa, indispensáveis para o estudo da crítica literária moderna, são: **The Sacred Wood** (1920); **Selected Essays** (1932, 1950); **The Use of Poetry and the Use of Criticism** (1933); **After Strange Gods** (1934); **The Idea of a Christian Society** (1934); **Notes Toward the Defination of Culture** (1918); **The Three Voices of Poetry** (1953); **The Frontiers of Criticism** (1956). **The Complete Poems and Plays** (1952), contém o mais importante da obra de T. S. Eliot, menos as peças teatrais **The Confidential Clerk** (1953) e **The Elder Statesman** (1958).

O poema que ora traduzimos para o português, "The Love Song of J. Alfred Prufrock", consta de seu primeiro livro de versos, editado em 1917, **Prufrock and Other Observations**. Havia aparecido anteriormente na revista **Poetry**, em 1915. Prufrock, representa, talvez, o jovem Eliot da época em que freqüentava Harvard e a sociedade de Boston que descreveu como sendo "civilizada para além dos limites da civilização". O poema, de fato, descreve o drama de um membro dessa sociedade, Prufrock. Através de um monólogo que mantém consigo mesmo, em que especula as conseqüências da consumação de um amor que, devido à sua ultra-sensibilidade, jamais conseguirá declarar (o poema é irônicamente intitulado uma canção de amor), êle nos revela a futilidade e o vazio dessa sociedade sem fé, sem objetivo, extremamente artificial e sofisticada. Prufrock compreende e interpreta a sociedade (várias alusões a Dante e à **Divina Comédia** esclarecem que ela está no Inferno em vida), mas não consegue, nem conseguirá jamais agir de maneira diferente, porque êle pertence integralmente a êsse mundo perdido. A única salvação está em voltar para perto do mar, jogar-se nêle, purificar-se, mas como Prufrock não pode na realidade viver sem ouvir as vozes humanas, êle afoga-se.

Nenhuma dessas idéias está implícita no poema. Revelam-se através de imagens que descrevem o aspecto desolador do ambiente, justapostas à conversa fútil das senhoras que falam a respeito de Miguel Angelo, mas que jamais conseguirão compreender o alcance da obra daquêle que foi o maior espírito criador da Renascença, uma época de grandes conquistas espirituais que contrasta extraordinariamente com a nossa, vazia e estéril: “como um paciente anestesiado sôbre a mesa”. Por todo o poema encontramos alusões à literatura universal e, em especial, aos grandes poetas, tais como Hesíodo, Dante, Marvel, Shakespeare, assim como referências a passagens da Bíblia. Essas referências servem para elucidar, ou colocar em confronto os acontecimentos do poema, com trechos dramáticos de obras da literatura universal (cf. Notas).

Resta-nos dizer algo acêrca das metáforas no poema. Em um ensaio a respeito de **Hamlet**, Eliot declara que nenhuma emoção pode ser expressa suficientemente bem em literatura sem o “objective correlative” que êle define como sendo — “uma série de objetos, uma situação, uma cadeia de acontecimentos, que constituirão a fórmula dessa emoção; de maneira que, quando os fatos externos são apresentados, a emoção é imediatamente evocada” (1). Por exemplo, nos versos 62 a 74, Prufrock não diz que tem mêdo de relações físicas, que também receia uma vida destituída delas ou que desejaria nunca ter nascido. E’ muito mais eficaz, quando descreve quase amorosamente “braços enfeitados, nus e brancos”, mas logo se lembra de que, “na claridade”, são “cobertos por cabelos loiros”. Desculpa-se por ter chegado a pensar no amor, mas lamenta-se, dizendo que já viu homens sôzinhos em mangas de camisa, debruçados nas janelas. Logo depois, incapaz de chegar a uma conclusão, grita: “Deveria ter sido um par de garras escabrosas / Rastejando pelos fundos de águas silenciosas”. As imagens, que à primeira vista parecem desconexas, quando tentamos justapô-las, intensificam enormemente a emoção.

(1) F. O. Matthiesson, *The Achievement of T. S. Eliot*, 3a. Edição (New York and London: Oxford University Press, 1958), pp. 124 a 125.

THE LOVE SONG OF J. ALFRED PRUFROCK by T. S. ELIOT

**S'io credesse che mia risposta fosse
A persona che mai tornasse al mondo,
Questa fiamma staria senza più scosse.
Ma per cio che giammai di questo fondo
Non tornò vivo alcun, s'i' odo il vero,
Senza tema d'infamia ti rispondo.**

Let us go then, you and I,
When the evening is spread out against the sky
Like a patient etherised upon a table;
Let us go, through certain half-deserted streets,
The muttering retreats
Of restless nights in one-night cheap hotels
And sawdust restaurants with oyster-shells:
Streets that follow like a tedious argument
Of insidious intent
To lead you to an overwhelming question...
Oh, do not ask, "What is it?"
Let us go and make our visit.

In the room the women come and go
Talking of Michelangelo.

The yellow fog that rubs its back upon the window-panes,
The yellow smoke that rubs its muzzle on the window-panes

A CANÇÃO DE AMOR de J. ALFRED PRUFROCK (1) de
T. S. ELIOT (1888-).

S'io credesse che mia risposta fosse
A persona che mai tornasse al mondo,
Questa fiamma staria senza più scosse.
Mas per ciò che giammai di questo fondo
Non tornò vivo alcun, s'i' odo il vero
Senza tema d'infamia ti rispondo (2).

Vamos então, tu e eu,
Quando a tarde se estende pelo céu
Como um paciente anestesiado sôbre a mesa;
Vamos, por certas ruas meio desertas
De métricas incertas 5
De noites impacientes em pobres hospedagens
E restaurantes com conchas de ostras nas serragens:
Ruas que seguem qual fastidiosa discussão
De insidiosa intenção,
Para guiar-te a uma pergunta pungente... 10
Mas não indagues incessantemente...
Vem, vamos fazer a nossa visita.
Na sala as senhoras vão e vêm
Falando de Miguel Ângelo (3).
O nevoeiro amarelo que roça pela vidraça (4), 15
O fumo amarelo que roça a tromba p'la vidraça

(1). — "The Love Song of J. Alfred Prufrock". Tradução e original publicados com o consentimento do autor e de seus editôres, Faber & Faber, Londres, Inglaterra.

(2). — "Se eu crese que a minha resposta fôsse / a alguém que voltasse ao mundo / esta chama estaria quieta / mas desde que dêste fundo / jamais alguém voltou à vida, se o que ouço é verdade / sem temor de infâmia te respondo. E' a voz de Guido de Montefeltro, condenado ao Inferno por ter morrido em pecado mortal, se bem que havia sido absolvido pelo Papa Bonifácio VIII. Dante tenta mostrar que o castigo depende do estado da alma na hora da morte. Guido, como Prufrock, é indeciso (Dante, Inferno, Canto xxvii, verso 61 a 66).

(3). — Estes versos mostram a futilidade da conversa das senhoras que andam, de cá para lá, no salão, falando de um assunto tão empolgante como é a obra de Miguel Ângelo, grande artista da Renascença — um período criador que contrasta com a esterilidade de nossa época.

(4). — O nevoeiro ou névoa amarela na cidade sórdida é um símbolo comumente usado pelos simbolistas franceses. Ver nota de Eliot em *The Waste Land*, vs 60 a 61, referindo-se a Baudelaire.

(2)

Licked its tongue into the corners of the evening,
Lingered upon the pools that stand in drains,
Let fall upon its back, the soot that falls from chimneys,
Slipped by the terrace, made a sudden leap,
And seeing that it was a soft October night,
Curled once about the house, and fell asleep.

And indeed there will be time
For the yellow smoke that slides along the street,
Rubbing its back upon the window-panes;
There will be time, there will be time
To prepare a face to meet the faces that you meet;
There will be time to murder and create,
And time for all the works and days of hands
That lift and drop a question on your plate;
Time for you and time for me,
And time yet for a hundred indecisions,
And for a hundred visions and revisions,
Before the taking of a toast and tea.

In the room the women come and go
Talking of Michelangelo.

And indeed there will be time
To wonder, "Do I there?" and, "Do I there?"
Time to turn back and descend the stair,
With a bald spot in the middle of my hair —
(They will say: "How his hair is growing thin!")
My morning coat, my collar mounting firmly to the chin,
My necktie rich and modest, but asserted by a simple pin —
(They will say: "But how his arms and legs are thin.")

Do I dare

Lambeu as esquinas da tarde,
Debruçou-se sôbre a poça de água estagnada,
Deixou nas costas a fuligem que cai das chaminés,
Atravessou os terraços, deu um brusco salto, 20
E vendo que era uma branda noite de outubro,
Enroscou-se sôbre a casa e adormeceu no alto.

Mas haverá tempo suficiente
Para a névoa amarela que rasteja pela rua

Esbarrando sôbre a vidraça; 25
Haverá tempo, haverá tempo
De preparar o rosto que enfrenta os outros rostos;
Tempo para matar e tempo para criar,
Sim, tempo para todos os trabalhos e os dias (5)
Que erguem e despedaçam indagações sôbre o teu prato; 30
Tempo para ti e tempo para mim,
Tempo ainda para cem indecisões
Cem visões e revisões
Antes de tomar o chá e as torradas.

Na sala as senhoras vão e vêm
Falando de Miguel Ângelo. 35

Naturalmente haverá tempo
Para indagar: — Devo? ou: — Não devo?
Tempo para virar e descer as escadas (6)
A calva alvejando entre o meu cabelo —
(As senhoras dirão: — Coitado, como envelheceu!) 40
Meu paletó, meu colarinho firme e alvo,
A gravata rica e sóbria composta com um simples alfinête —
(As senhoras dirão: — Que pena! Como vai ficando calvo!)
Deveria eu 45

(5). — **Trabalhos e Dias**. Refere-se ao poema de Hesíodo, poeta grego, autor de vários poemas didáticos a respeito da vida campestre. O tema desta obra contrasta frontalmente com o mundo e a vida urbana de Prufrock.

(6). — A escada que vai do Inferno ao Paraíso é frequentemente citada por Eliot. (Purgatório, xxvi, 145-146).

(3)

Disturb the universe?
In a minute there's time
For decisions and revisions which a minute will reverse.

For I have known them all already, know them all: —
Have known the evenings, mornings, afternoons,
I have measured out my life with coffee spoons;
I know the voices dying with a dying fall
Beneath the music from a farther room.
So how should I presume?

.....

And I have known the eyes already, known them all —
The eyes that fix you in a formulated phrase,
And when I am formulated, sprawling on a pin
When I am pinned and wriggling on the wall,
Then how should I begin
To spit out all the butt-ends of my days and ways?
And how should I presume?

And I have known the arms already, known them all —
Arms that are braceleted and white and bare
(But in the lamplight, downed with light brown air!)
Is it perfume from a dress
That makes me so digress?
Arms that lie along a table, or wrap about a shawl.

And should I then presume?
And how should I begin?

Shall I say, I have gone at dusk through narrow streets,
And watched the smoke that rises from the pipes
Of lonely men in shirt-sleeves, leaning out of windows?...

I should have been a pair of ragged claws

Perturbar o universo?

Logo tempo há

Para decisões e revisões que o momento inverterá.

Já as conheci tôdas, conheci tôdas — (7)

Conheci as noites, as manhãs, cá e lá, 50

Medi a minha vida com colheres de chá;

Conheci as vozes perecendo com mortífero som

Dentro da música dum salão, cair; (8)

E então como presumir?

E já conheci os olhares, todos os olhares — 55

Dos olhos que nos fitam numa formulada frase,

E quando sou formulado, pregado com alfinête,

E quando estou pregado e torcido na parede,

Como empreenderei?

Cuspir as sobras dos meus fins e dias? 60

Como empreenderías?

Já conheci os braços também, conheci-os todos —

Braços enfeitados, nus e brancos

(Mas na claridade cobertos por cabelos loiros!)

Será o perfume dêste lugar. 65

Que assim me faz divagar?

Braços sôbre a mesa ou envoltos num xale.

E como presumiría?

E como começaria?

.....
Deveria contar que já andei, ao pôr do sol, por estreitas vielas 70

E olhei para o fumo que sobe dos cachimbos

Dos homens sòzinhos em mangas de camisas, debruçados nas
janelas?...

Deveria ter sido um par de garras escabrosas,

(7). — Relembra o poema de Laforgue, *Le Concile Féérique*. Laforgue foi o poeta simbolista francês que mais influenciou a poesia de Eliot.

(8). — De Shakespeare, *Twelfth Night* (1.º ato, Cena 1a. vs. 1 a 4). "Se a música é o sustento do amor, então toque / Dê-ma até ao próximo, pois que satisfeito / o apetite decline e morra /. Essa canção de nôvo! Cessou como que perecendo". Esta citação tem a finalidade de mostrar que, para Shakespeare a música é símbolo do amor e aqui ela nem é escutada pelas senhoras que continuam a falar superficialmente. Determina também a decadência da sociedade representada pelas senhoras.

(4)

Scuttling across the floors of silent seas.

.....
And the afternoon, the evening, sleeps so peacefully!
Smoothed by long fingers,
Asleep...tired... or it malingers,
Stretched on the floor, here beside you and me.
Should I, after tea and cakes and ices,
Have the strength to force the moment to its crisis?
But though I have wept and fasted, wept and prayed,
Though I have seen my head (grown slightly bald)
brought in upon a platter,
I am no prophet — and here is no great matter;
I have seen the moment of my greatness flicker,
And I have seen the eternal Footman hold my coat, and snicker,
And in short, I was afraid.

And would it have been worth it, after all,
After the cups, the marmalade, the tea,
Among the porcelain, among some talk of you and me,
Would it have been worth while,
To have bitten off the matter with a smile,
To have squeezed the universe into a ball
To roll it toward some overwhelming question,
To say: "I am Lazarus, come from the dead,
Come back to tell you all, I shall tell you all" —
If one, settling a pillow by her head,
Should say: "That is not what I meant at all.
That is not it, at all."

And would it have been worth it, after all,
Would it have been worth while,
After the sunsets and the dooryards and the sprinkled streets,
After the novels, after the teacups, after the skirts that
trail along the floor —

Rastejando p'los fundos de águas silenciosas.

A tarde, a noite, dorme tão pacificamente 75
Por esguios dedos aconchegada,
Dormindo... cansada... ou esgotada,
Estendida pelo chão aqui entre mim e ti.
Deverei eu, depois do chá e bôlos e gelos
Ter garra para levar ao fim os meus desvelos? 80
Apesar de ter chorado e jejuado, chorado e orado,
Apesar de ter visto a minha cabeça (já quase calva) trazida
numa bandeja,
Não sou nenhum profeta (10) e nisso não há peleja;
Já vi o momento da minha glória esmorecer,
Já vi o "Eterno Pagem" erguendo meu roupão, escarnecer, 85
E, em resumo, tive medo.
Mas, valeria a pena, por fim,
Ao fim dos cálices, da marmelada, do chá,
Entre as tuas e minhas bisbilhotices,
Valeria a pena, 90
Ter mudado de assunto, com um sorriso,
Ter espremido o universo numa bola,
Rolá-la então à crucial indagação,
Clamar: "Sou Lázaro que voltou ao mundo,
Voltei para revelar-te tudo, dirte-ei tudo" — (11) 95
Se eu, ajuntando-lhe o travesseiro com a mão,
Exclamasse: "Não é isso que quis dizer, não;
Também não é isso não."
Valeria a pena, por fim,
Valeria a pena, 100
Depois dos crepúsculos, dos portões e das ruas molhadas,
Depois dos romances, das chávenas de chá, depois das saias
que rastejam p'lo salão —

(9). — A declaração de amor. Ver no próprio poema a descrição do problema de Prufrock, versos 62 a 69, também de 87 a 98.

(10). — "Não sou nenhum profeta". Alusão à decapitação de João Batista. Sua cabeça trazida numa bandeja, era bem diferente da "calva" de Prufrock. São João Batista preferiu morrer a aceitar o amor de Salomé. Portanto, foi alguém capaz de tomar uma decisão e até morrer por ela, ao contrário de Prufrock, incapaz de agir.

(11). — "Voltei para revelar-te tudo". Ver a epígrafe que introduz o poema. Lázaro foi o jovem ressuscitado por Cristo. (João xi). Existe também neste trecho uma alusão a Lázaro (Lucas xvi).

(5)

And this, and so much more? —

It is impossible to say just what I mean!
But as if a magic lantern threw the nerves in patterns
on a screen:

Would it have been worth while
If one, settling a pillow or throwing off a shawl,
And turning toward the window, should say:
That is not it at all,

That is not what I meant, at all.

.....
No! I am not Prince Hamlet, nor was meant to be;
Am an attendant lord, one that will do
To swell a progress, start a scene or two,
Advise the prince; no doubt, an easy tool,
Deferential, glad to be of use,
Politick, cautious, and meticulous;
Full of high sentence, but a bit obtuse;
At times, indeed, almost ridiculous —
Almost, at times, the FOOL.

I grow old... I grow old...
I shall wear the bottoms of my trousers rolled.

Shall I part my hair behind? Do I dare to eat a peach?
I shall wear white flannel trousers, and walk upon the beach.
I have heard the mermaids singing, each to each.

I do not think that they will sing to me.
I have seen them riding seaward on the waves
Combing the white hair of the waves blown back
When the wind blows the water white and black.

We have lingered in the chambers of the sea
By sea-girls wreathed with seaweed red and brown
Till human voices wake us, and we drown.

Tudo isto e mais que não? —

E' impossível articular precisamente o que penso!

Mas... é como se uma lanterna mágica, mostrasse

Os meus nervos esquematizados sôbre um lenço: 105

Acaso valeria a pena

Se eu, ajustando o travesseiro ou retirando-lhe o xale,

Voltando-me para a janela, exclamasse:

— Isto não é o que quis dizer não,

Também não é isso não.

Não sou príncipe Hamlet, nem era para ter sido ;(12) 110

Sou um lord conselheiro, alguém que faça um processo,

Que aconselhe o príncipe; por certo comparsa,

Deferente, prestável,

Político, cauteloso, metódico;

Cheio de prosápia, mas um pouco obtuso; (13) 115

As vêzes praticamente, o bôbo. (14)

Envelheço... Envelheço

Vou usar as minhas calças p'lo avêso...

E se fizesse marrafa atrás? Ousaria comer um pêsego?

Vou vestir minha calça branca e na praia dar um passeio. 120

Já ouvi as sereias cantando para si mesmas.

Não creio que cantarão para mim.

Sim, já as vi cavalgando as ondas do mar

Penteando os cabelos brancos de espuma a rolar... 125

Quando o vento sopra a água branca e negra.

Nós pernoitamos nas alcovas do oceano

Perto de sereias coroadas de azul marinho

Até que vozes humanas nos despertam no caminho. (15)

(12). — Prufrock diz que não é Hamlet. Este, apesar de sua indecisão, era capaz de agir, sendo muito superior a Polônio, o político por excelência, que muda de opinião para atender a propósitos imediatos e com quem Prufrock se identifica mais facilmente.

(13). — “Cheio de prosápia”. Chaucer declara nos Contos de Canterbury que o estudante de Oxford é “cheio de prosápia”. Chaucer insinua que o estudante, que estuda muito, está um pouco afastado da realidade.

(14). — O bôbo era uma convenção do drama Elisabetano.

(15). — A água é usada como símbolo de pureza e fertilidade. Refere-se também à passagem da Odisséia em que Ulisses tapa os ouvidos com cera a fim de não escutar as sereias que tentavam atraí-lo. Prufrock é até por elas desprezado. Ouviu-as cantarem para si, pois reconhece que não é digno da atenção delas.